

Generificação da violência nos meios de comunicação do Oeste do Paraná (1960-1990)

Tania Regina Zimmermann

Resumo: O presente artigo discute formas de violência perpetrada por mulheres, mas que nos meios de comunicação aparecem pelo inverso, ou seja elas são ridicularizadas pelas suas ações através da violência simbólica articulada com uma linguagem risível e de deboche. Esta linguagem reproduz velhos estereótipos de que a violência associa-se a masculinidade e a fragilidade à feminilidade e assim a dicotomia vítima x agressor continua a ser naturalizada.

Palavras-chave: Gênero. Violência. Imprensa.

Abstract: This article discusses forms of violence perpetrated by women, but that in the media appear by the inverse, or they will be ridiculed for their actions through the symbolic violence articulated with a language risible, debauchery. This language reproduces old stereotypes that violence associates-if masculinity and the fragility of femininity and thus the dichotomy victim x aggressor remains naturalized.

Keywords: Gender. Violence. Press.

Tania Regina Zimmermann. Professora da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul e doutoranda pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atua na área de História Contemporânea e Ensino de História. E-mail: zimmermanntania@hotmail.com.

Texto recebido em 17/02/2009.

No Oeste do Paraná, notícias de 1960 a 1990 construíram identificações para homens e para mulheres como, por exemplo, a violência como característica masculina e a maternidade como função exclusiva do feminino. Sentimentos como docilidade e resignação, as próprias tarefas domésticas e o espaço privado para as mulheres fizeram e ainda fazem com que muitas delas deixem de ser cidadãs para existirem enjauladas nas identidades femininas construídas nos discursos que enfatizam o sujeito universal masculino. Um dos exemplos desta distinção dos gêneros pelo sexo está no Jornal do Oeste na matéria *Nem Feminismo nem Machismo: justiça*. Conforme o excerto abaixo verifico que os papéis são contrastantes nas relações de gênero¹:

A mulher cumpre fazer do lar um pedaço do céu, entrevistado na terra. Ali o homem retempera as forças consumidas na dura peleja travada no teatro das competições, em busca do pão de cada dia. (...) O sexo forte tira sua energia do sexo denominado fraco. Deste paradoxo depende a estabilidade da família e segurança social. (...) Os movimentos feministas têm se revelado inoperantes, pelo menos até hoje, uma vez que não conseguiram incutir na mulher, a compreensão sublime da tarefa que lhe cabe na preparação da humanidade do porvir. (...) A mulher deve permanecer naquilo que foi chamada; permanecer como rainha do lar e sacerdotisa da família.²

¹ Utilizamos aqui a categoria gênero como relacional na medida em que constrói identificações para homens e mulheres. O uso desta categoria possibilita questionar como o sexo e a sexualidade constroem por dentro do gênero estas identificações. Para tanto se referencia os estudos de BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

² *Jornal Oeste*. Nem Feminismo, nem Machismo: justiça. n. 850, 26 jul. 1988, p. 6.

³ *O Paraná*. Homossexualismo é ideologia. N. 521, 6 jul. 1976, p. 4.

Outras possibilidades para os corpos e sexualidades quase sempre foram desconsideradas em discurso e, na maioria das notícias das décadas de 1960 a 1980, o tema teve pouca visibilidade. Um dos impressos de *O Paraná* apresenta o tema sob o título: *Homossexualismo é ideologia*. Na matéria, segue-se a visão de Peter Fry advogando que o uso do termo é errôneo, uma vez que *essa criação cultural não existe na natureza, devendo ser abolida*.³ Acredita Fry que, por não estar na ordem discursiva racional das ciências da natureza, essa criação cultural não tem nomeação. Margareth Rago expôs recentemente esta problemática da seguinte maneira:

Afinal, lembrando Baudrillard, se os americanos precisam ter a Disney para não perceber que são a própria Disney, nós precisamos ter a prisão para não percebermos que vivemos enjaulados nas identidades e classificações categoriais, nos esquadramentos sociais, sexuais, espaciais, físicos e imaginários.⁴

Estas construções identitárias e de outras distinções sociais também adentraram a literatura e a escritura da história. Segundo Bhabha, estamos em um *momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e de identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão*.⁵

É nas tramas de mulheres e homens em situação de violência que também despontam algumas diferenças, exclusões, trânsitos e linhas de fuga que constroem corpos e sexos. Para esse universo da pesquisa, parto do pressuposto de que os estudos nesta área nos trazem indícios da atuação de mulheres e homens na violência e de que esta não é intrínseca ao ser humano, e sim cultural. A violência, como sugestiona Peter Burke, tem uma história cultural, pois tem sido vista como irrupção de um vulcão ou expressão dos impulsos humanos. A proposta de Burke indica também uma leitura das mensagens enviadas pelas violentas e violentos revelando o significado do sem significado e as regras que governam seu emprego.⁶

Documentar a vida de pessoas negligenciadas nas narrativas dos escritos abre um leque múltiplo de temas, assim como outras histórias que desmentem visões hegemônicas de mundo enaltecidas de homens brancos, da naturalidade da monogamia, dos sentimentos, dos papéis sociais e sexuais e da certeza da inevitabilidade do progresso. Scott observa que:

O desafio à história normativa tem sido descrito, em termos de entendimentos históricos convencionais de evidência, como uma ampliação de um quadro, uma correção do que foi negligenciado como resultado de uma visão incorreta ou incompleta, e tem reivindicado legitimidade sobre a autoridade da experiência, a expe-

⁴ RAGO, M. Pensar diferentemente a história, viver femininamente o presente. In: GUAZELLI, Cesar A. B. et al. (Org). *Questões de Teoria e Metodologia da História*. Porto Alegre: UFRGS, 2000, p. 50.

⁵ BHABHA, Homi. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2005, p. 19.

⁶ Burke, Peter. *O que é História Cultural*. Tradução de Sergio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 139.

riência direta de outros, bem como a do historiador que aprende a observar e iluminar a vida desses outros em seus textos.⁷

Assim pode parecer estranho historiar a violência de mulheres, uma vez que a quantidade destas notícias corroboram para não priorizar tais estudos. Este é um dos aspectos observados nas pesquisas em que existem mulheres protagonistas em situação de violência.⁸ Diante disso, é notória a pergunta: qual é a relevância do tema? Por que dar historicidade a estas vivências? Como justificativa, apoio-me em Scott que afirma que o resgate destas experiências, com seus incontáveis pequenos detalhes, permite perceber como a diferença é estabelecida entre mulheres e homens, como ela é operada em grande parte dos escritos, como e de que maneira constitui sujeitos que vêm e atuam no mundo.⁹ Neste sentido, o estudo de jornais, revistas e noticiários de rádio em relação às violências contra e das mulheres ajuda a entender as diferentes operações que nivelam as formas de vermos o mundo e, na pior das hipóteses, contribuímos para as desigualdades de gênero.

Embora haja um destaque para a atuação de mulheres consideradas violentas nas notícias, reforça-se que a violência é coisa de homens. Esta posse masculina se dá, em parte, em virtude de suas frustrações ou não, assim como a partir de condutas e práticas identificadas socialmente como masculinas e que podem estar relacionadas a experiências perigosas.¹⁰ Ainda segundo Mihaely, esta violência cristaliza todos os não-ditos e, mesmo que haja culpa e vergonha por parte dos homens diante das posições que reproduzem as relações de vítima e opressor, ainda existe uma tendência em considerar as mulheres como vítimas e os homens como biologicamente determinados à prática da violência.¹¹ Nesse sentido, a observação de Scott torna-se relevante:

Por isso precisamos nos referir aos processos históricos que, através do discurso, posicionam sujeitos e apresentam suas experiências. Não são indivíduos que têm experiência, mas sim os sujeitos que são constituídos pela experiência. Experiência nesta definição torna-se,

⁷ SCOTT, Joan. A invisibilidade da experiência. *Projeto História*. São Paulo: Edusc, n. 16, 1998, p. 300.

⁸ Ver obras citadas de autores como Soyka (2005) e Kun (2005).

⁹ SCOTT. *Op. cit.*, p. 302.

¹⁰ OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: UFMG, 2004. p. 248. Segundo o autor o aumento dos índices de criminalidade urbana está relacionado ao reforço nos caracteres viris. p. 271.

¹¹ MIHAELY, Gil. *Masculinidades: corpo, natureza e poder*. (Texto traduzido após palestra na UFSC em 2006) s.p.

então, não a origem de nossa explanação, não a evidência legitimadora (porque vista ou sentida) que fundamenta o que é conhecido, mas sim o que procuramos explicar, sobre o que o conhecimento é apresentado. Pensar sobre a experiência desse modo é historicizá-la, bem como historicizar as identidades que ela produz.¹²

Os atos ou as situações de violência de mulheres são experiências no sentido apontado por Scott, pois estes atos representados nas notícias têm, em sua maioria, a defesa de si, de familiares e da sobrevivência em relação a sofrimentos, privações e violações. Convém ressaltar que, embora a violência esteja relacionada à defesa de uma causa, ela não significa um direito a estes atos, mas, em determinados momentos, uma possível saída para opressões, sofrimentos e injustiças.

Na pesquisa de Natalie Zemon Davis, sobre os ritos de violência coletiva na França do século XVI, a autora tece importante consideração no sentido de atentar mais sobre a mudança de valores e menos na pacificação dos desviantes. Essa preocupação de Davis relaciona-se com a pesquisa que desenvolvo sobre a violência perpetrada pelas mulheres. Não se pretende defender o direito das mulheres à violência, e sim tentar desatar o nó górdio para os atos cometidos por inúmeras mulheres e para o fato de como estas ações e personagens revelam a contradição das diferenças instituídas entre sexos operada pelas notícias e algumas mudanças, mesmo que instantâneas, na condição do ser mulher.¹³

Com o cuidado para tatear as construções discursivas históricas, parto da visibilidade de alguns desvios de mulheres postos nas notícias, desvios esses imbricados com pesquisas de historiadoras e historiadores, assim como com exemplo da literatura. Estes desvios, considerados como experiências, continuamente são de gente que dificilmente de outra forma apareceria com rostos, nomes e, às vezes, sobrenomes nas notícias cotidianas. Para Foucault, são vidas de algumas linhas ou de algumas páginas. Vidas breves, achadas a esmo em notícias e, portanto, infames. Também o autor apresenta vidas com me-

¹² SCOTT. *Op. cit.*, p. 304.

¹³ DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo: sociedade e cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

nos lições a serem meditadas do que vidas como daquelas histórias que os sábios recolham:

Pretendi também que estas personagens fossem elas mesmas obscuras; que nada as tivesse predisposto a uma qualquer notoriedade; que não tenham sido dotadas de nenhuma das grandezas como tal estabelecidas e reconhecidas — as do nascimento, da fortuna, da santidade, do heroísmo ou do gênio; que pertencessem aquelas milhões de existências que estão destinadas a não deixar rastro; (...) que, contudo, tenham sido atravessados por um certo ardor, que tenham sido animados por uma violência, uma energia, um excesso na malvadez (...).¹⁴

A vida das mulheres que matam ou que estão envolvidas em conflitos e crimes aparecem em poucas páginas, principalmente nas décadas de 1970 e 1980. Em contrapartida, estas personagens recebem lugar de destaque nos títulos, no tamanho das letras e nas imagens fotográficas. Por que se dedicou frases, fotos e, às vezes, páginas inteiras a essas mulheres infames? Embora a violência nas relações de gênero tenha incidido principalmente sobre as mulheres, seja ela física (estupros, espancamentos e mortes) ou através de formas de violência simbólica (incapacidade política e civil, restrições da sexualidade), elas também reagiam e violentavam com ou sem instrumentos. Para escrever histórias na quais as mulheres agiram e reagiram pela violência, tateamos pela construção de notícias sobre estas experiências de mulheres.

Concordo com Foucault ao afirmar que o encontro com o poder transformou os atos das pessoas infames em palavras e, posteriormente, objeto deste estudo. *Sem este choque, é indubitável que nenhuma palavra teria ficado para lembrar o seu fugidivo trajecto.*¹⁵ O mesmo poder que tentou controlar foi o poder que suscitou as palavras sobre estas vidas. É justamente no confronto com o poder que elas encontram o único momento que alguma vez lhes foi concedido um breve clarão que as traz até nós. As mulheres infames escolhidas e analisadas nesta pesquisa podem contribuir para dialogar com o limite,

¹⁴ FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Veja, 1992. p. 97.

¹⁵ *Idem*, p. 97.

o intervalo da produção de recursos da história, da linguagem daquilo que nos tornamos ou, como Hall expôs, *como nos temos sido representados e como essa representação afeta a forma como nos podemos representar a nos próprios*.¹⁶

Ações de mulheres em notícias no Oeste do Paraná aparecem com notoriedade, talvez pela novidade deste tipo de comportamento, apesar de que mulheres consideradas fatais¹⁷, não eram novidade na literatura. Nas notícias dos jornais e da rádio estes feitos continuam a chamar a atenção até os dias atuais, mas estas mulheres praticantes de violência são consideradas infames, porque não possuem as mesmas qualificações das mulheres fatais e aparecem em breves instantes.

Mulheres infames e a violência física e simbólica

As ações de mulheres em situação de violência são destaques nas notícias ao longo dos anos pesquisados. Essas mulheres são descritas como possuidoras de vidas obscuras, infelizes, raivosas, ciumentas, malfeitoras e desafortunadas. Também são relatos quase sempre anedóticos, curiosos, grotescos e que fizeram parte de inúmeras histórias minúsculas. E em grande parte das notícias, tendeu-se a tratar muitos dos casos com uma linguagem risível e em tom de deboche. Ressalta-se que o período em que aparece esta linguagem de deboche são frequentes as matérias relacionadas ao feminismo, principalmente após a metade da década de 1970. Esta forma de linguagem também estava presente em jornais do período nos grandes centros como, por exemplo, o *Pasquim*, que ridicularizava a ação de feministas no Brasil.¹⁸

Na notícia *A Mulher batia no marido com vara*, citada abaixo, temos um exemplo de zombaria. O jornal *O Paraná* registra um evento passado há anos e que fora comentado por um antigo político de Cascavel. O narrador descreve o texto como um teatro, seguido das seguintes cenas:

O marido após o trabalho freqüentava bares da cidade de Cascavel e bebia como um gambá e sua esposa teria

¹⁶ HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: Silva, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000, p. 109.

¹⁷ MENON, Mauricio. A bela imagem do mal na representação da mulher. In: MEDEIROS, Márcia M. (Org.). *Ensaio sobre o feminino*. Passo Fundo: UPF, 2008. Segundo Menon são consideradas mulheres fatais aquelas representadas como belas e sedutoras que usam destes poderes para governar e manipular os homens. Os homens manipulados caem em desgraça, desgosto, infelicidade e alguns morrem no final do enredo. p. 99.

¹⁸ SOIHET, R. Preconceitos nas charges de *O Pasquim*: mulheres e a luta pelo controle do corpo. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 84, 2008. Disponível em: www.espacoacademico.com.br/084/84soihet.htm. Acesso em: 20 jan. 2009.

inventado um jeito original de conduzi-lo para casa com uma vara, conduzia o seu hoi particular e amado. As cenas já eram tradicionais. A mulher vara no lombo do marido, levava não muito pacientemente o seu amado até a sua residência. Era um dia, depois do outro se formando realmente uma cena bem folclórica. Os viajantes já diziam pelos cantos do Oeste que Cascavel tinha um fato curioso: a mulher da vara. Após alguns anos o marido faleceu e não se sabe se foi das varadas ou das tremendas bebedeiras do guarda.¹⁹

Na cena a seguir, descreve-se a mulher ao lado do caixão abraçada ao cadáver e dizendo: — *Ai, ai, ai! Pra quê ocê morreu? Nós que nunca encrenquemo!* A notícia finda com (...) *isso aconteceu. Há testemunhas oculares, inclusive.* Este discurso perpassa a estratégia da produção do verdadeiro, pois o político conta, o jornal edita e há testemunhas oculares do fato.

O uso frequente de adjetivos e advérbios no texto acima, como *já, muito, se, realmente, bem* e *inclusive*, intensifica, neste discurso, a desqualificação das atitudes que supostamente invertem ações exclusivas de homens. Para Fairclough²⁰, a linguagem, como prática social, contribui para a dominação de umas pessoas sobre as outras. Desta forma, as práticas linguísticas estão imbricadas com o poder e a dominação. Para o autor na redação de relatos acerca de acontecimentos, estão associados conhecimentos e posições específicas para cada tipo de sujeito social que participa desta prática. Também a fala autorizada, do político no jornal, revela que o poder e a dominação estão organizados e institucionalizados e, deste modo, alguns têm acesso particular ao discurso e, como consequência, asseguram o poder de dizer algo, ou seja, quem pode falar, sobre o que, quando e como.²¹

A notícia sobre a mulher com a vara também participa de convenções que foram e são naturalizadas como, por exemplo, a exclusividade da violência como masculina. Ao atentar para as propriedades do texto, seja no vocabulário, nas metáforas, no aspecto gramatical ou no estilo, percebe-se que algumas convenções são mecanismos eficazes de

¹⁹ Jornal *O Paraná*. Mulher batia no marido com vara. N. 520, 11 fev. 1978, p. 11.

²⁰ FAIRCLOUGH, Norman. Discurso, mudança e hegemonia. In: PEDRO, E. M. (Org.). *Análise Crítica de Discurso*. Lisboa, 1997, p. 80.

²¹ VAN DIJK, T. *Análisis Crítico del Discurso*. Disponível em: <http://www.bachillerato.uchile.cl/files/historia/ANALISIS%20CR%C3%8DTICO%20DEL%20DISCURSO.doc>. Acesso em: 04 abr. 2004.

produção do senso comum que podem manter e reproduzir padrões de comportamentos. Na atuação de mulheres em situação de violência física, e posteriormente também adicionada à violência simbólica, a inferioridade é instaurada a partir das diferenças sexuais e estende-se por todo seu ser e atuações. Neste outro exemplo, que tem por título: *Mulher espancou a vontade o seu marido*, destacam-se as ações da esposa, conforme observado no texto:

(...) que os vizinhos estavam alarmados com a gritaria e pancadaria e todos ficaram surpresos quando os patrulheiros prenderam M. de L. A., que estava espancando brutalmente o seu marido. Ela foi presa e ele convidado para lá comparecer e oficializar a queixa de agressão.²²

Segundo o jornal, consta no boletim o relato das testemunhas:

(...) constantemente a mulher que possui um físico avantajado espanca seu esposo que em momento nenhum reage a tamanha brutalidade por se tratar de uma pessoa de boa índole. E desta vez todos os vizinhos decidiram se unir e chamar a polícia, já que a gritaria estava infernal e pelo que parecia Airton estava sofrendo mais do que as vezes anteriores.

Neste texto, a motivação para a ação de violência indica que a esposa abandonou o marido, mas retorna várias vezes para a casa do companheiro que a aceitava, pois juntos tinham um filho. Palavras como *surpresos* atentam para o espanto dos vizinhos com a presença policial para averiguar um ato de violência cometido por uma mulher, efetuar o posterior encaminhamento de ambos para a delegacia e executar a prisão de uma mulher. A linguagem nesta notícia generifica o uso da violência, pois descreve o físico da mulher como fora dos padrões, define sua ação como brutal, qualifica a gritaria como infernal, destaca o espancamento ilimitado e expõe o sofrimento do homem de boa índole. Nas páginas policiais pesquisadas, não há registros de homens que são presos por espancamento, mas apenas por homicídio.

²² Jornal *O Paraná*. Mulher espancou a vontade seu marido. n. 822, 11 fev. 1979, p. 4.

Para Carmen Rosa Caldas-Coulthard, algumas palavras e construções sintáticas revelam diferenças sexuais. Nas notícias acima, as mulheres são sujeitos de uma ação, mas qualificadas de forma negativa em suas atitudes. Os homens, nestes episódios relatados, vítimas de violência, são em muitos casos qualificados positivamente. O primeiro deles tem profissão, é guarda, também é caracterizado como marido e amado, o segundo também é caracterizado de modo positivo, visto que tem boa índole. Desta maneira, a linguagem ajuda a definir, depreciar e, muitas vezes, excluir as mulheres linguisticamente. As mulheres foram consideradas deficientes linguisticamente por terem sido socializadas como mulheres. Para Caldas-Coulthard, os homens ainda são os guardiões da linguagem como editores, jornalistas, lexicógrafos, apresentadores de rádio, tv e políticos.²³ Neste sentido, a análise de discurso contribui para investigar como as práticas sociais constituem homens e mulheres e como esta constituição constrói, por dentro do gênero, algumas desigualdades. No exemplo *Mulher surrou I. da S.*, o jornal desqualifica a atitude de um marido agredido, conforme segue no texto transcrito abaixo:

I. da S. mostrou que realmente é um “cara de pau” e se apresentou na 15^a. SDP para apresentar queixa contra M. L. M. que deu uma surra na base de “ripa e enchada” no “seu” Bernardes. Ele, que apanhou da mulher para valer, ainda teve a coragem de ir a Delegacia pedir a prisão do “diabo de saia”.²⁴

O discurso da notícia acima revela que homens, em situação de violência, que não se submetessem às regras impostas nas relações de gênero também são punidos pelas notícias através da violência simbólica relacionada ao comportamento masculino. Esta violência simbólica também deveria ser exemplar, ou seja, que nomeasse ações distintas para o masculino e para o feminino. Sob o título *Mulher Acaba Marido*, o jornal Alento apresenta um discurso cômico sobre a passividade do marido:

L.L.J que vivia agredindo seu marido I. J, causando-

²³ CALDAS-COUTHARD, C. Linguagem e estudos de gênero In: Fortkamp, M.B. M. et al. *Aspectos da Linguística Aplicada*. Florianópolis Insular. 2000, p. 277.

²⁴ Jornal *O Paraná*. Mulher surrou Irineu da Silva. n. 860, 1 de abr. 1979, p. 4.

lhe sérios ferimentos e constrangimentos morais. (...) novamente a fera agrediu o castigado marido (...) Cualé a tua ô I.? Vê-se te manca e dá o pinote, caso contrário a mulher acaba te matando falô? Desse jeito meu cha-pa, num há marido que agüente, né ?²⁵

Deste modo, os discursos cômicos confirmam as relações de poder instituídas nas relações de gênero, visando reconstruir, nas notícias aqui apresentadas, o cotidiano perpassado pelos mitos de inferioridade e domesticidade feminina.

Os discursos cômicos, nos estudos de Bakhtin, demonstram as diferenças do riso festivo popular renascentista evidenciando a igualdade, uma vez que se ria dos próprios burladores, mas a sátira moderna burguesa transforma o riso em um fenômeno particular que perpassa o caráter moralizante e hierárquico através da ridicularização. No Renascimento, o riso tem um profundo valor de concepção de mundo através do qual se exprime a verdade na sua totalidade, mas, a partir do século XVII, a atitude em relação ao riso pode ser caracterizada da seguinte maneira:

O riso não pode ser uma forma universal de concepção de mundo; ele pode referir-se apenas a certos fenômenos parciais e parcialmente típicos da vida social, a fenômenos de caráter negativo; o que é essencial e importante não pode ser cômico. (...) O domínio do cômico é restrito e específico (vícios dos indivíduos e da sociedade); (...) o riso é um divertimento ligeiro, ou uma espécie de castigo útil que a sociedade usa para os seres inferiores e corrompidos (...).²⁶

Nos exemplos das notícias acima, fica evidente que algo aparentemente inofensivo como a zombaria e o deboche configuram-se como forma de violência, inoculando representações com vistas à conservação do *status quo*, através da ridicularização em relação aos papéis exercidos por mulheres e homens de determinados segmentos da sociedade e de espaços geográficos. Na notícia *Inquilina do Barulho* do jornal *Fronteira do Iguaçu*, o subtítulo remete ao espaço geográfico e social da personagem prin-

²⁵ Jornal *O Alento*. Mulher acaba marido. N. 39, 09-15/05 de 1980, p. 6.

²⁶ BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François de Ra-belais*. São Paulo: Hucitec, 1987, p. 57-8.

cipal: *De novo aparece a Vila Coqueiral no noticiário*. Conforme a transcrição do excerto textual, pode-se observar a imagem estereotipada da personagem.

Desta feita o problema é com D. P. T., que está separada do marido e vem causando problemas a sua vizinha, pois costuma chegar altas horas, acompanhada de “amiguinhos”, ocasião que promove insuportáveis algazarras e atenta contra o pudor. (...) D. não comparece com o Tutu dos aluguéis há dois anos e com o agravante de transformar o local em verdadeiro “rendez-vous”. Tai, agora vai entrar pela tubulação.²⁷

A personagem acima é desqualificada por ser moradora de um bairro que é frequente nas notícias, fato este reforçado por outras características: é separada, não paga o aluguel, não é uma mulher bem comportada, pois chega altas horas e atenta contra o pudor. O uso de linguagem zombeteira é recorrente quando se refere a alguns atos de moradores de bairros periféricos das diferentes cidades analisadas.

No Oeste do Paraná, o projeto de modernização, proposto em meados do século XX, produziu uma ordem na qual instituições como judiciário, polícia e família perpassavam a imposição de normas e valores considerados burgueses. Nestes valores, figurava a honra e a moral burguesas, principalmente sobre as mulheres. A honra masculina relaciona-se a atitudes como valentia e coragem, e a feminina se caracteriza pela defesa de sua honra por um homem. Deste modo, a honra de um homem também estava relacionada com a pureza sexual e com o pudor de mulheres de seu convívio, como esposa, filha e mãe. Neste contexto, reivindicava-se o direito de reputação moral de si, da família e do grupo social ao qual pertence. Nas notícias acima, a moral defendida pelos jornais pode ser entendida, conforme explica Michel Foucault:

Por “moral” entende-se igualmente o comportamento real dos indivíduos em relação às regras e valores que lhe são propostos: designa-se, assim, a maneira pela qual eles se submetem mais ou menos completamente a um princípio de conduta; pelo qual eles obedecem ou

²⁷ *Jornal Fronteira do Iguacu*. Inquilina do barulho. n. 106, 22 de jul. 1972, p. 16.

resistem a uma interdição ou a uma prescrição; pela qual eles respeitam ou negligenciam um conjunto de valores; o estudo desse aspecto da moral deve determinar de que maneira, e com que margem de variação ou de transgressão, os indivíduos ou os grupos se conduzem em referência a um sistema prescritivo que é explícita ou implicitamente dado em sua cultura, e do qual eles têm uma consciência mais ou menos clara.²⁸

Mas o comportamento de mulheres em situação de violência transgredia as margens esperadas pelos jornalistas. Os enfrentamentos cotidianos, ou seja, a luta pela sobrevivência diminuía a reclusão do lar, o culto ao amor romântico e a submissão. Suas vidas eram de intrigas, de amores, de lutas nas ruas e em suas casas, nas pequenas fábricas, de várias jornadas, de resistências e também de conformações com os valores dominantes. Mulheres estas que construía sonhos e sensibilidades para um casamento formal e um par harmônico, e nem sempre assumiam a maternidade e as tarefas do lar como funções suas. Os homens mantinham a concepção de prover o lar e aprendiam, pelos estereótipos dominantes, que a mulher era sua propriedade e a frustração desta expectativa social foi considerada por Soihet (1997) e Chaloub (1986) como uma das motivações para a violência doméstica. Nas fontes judiciais analisadas por estes autores, a violência incidia em casos nos quais as mulheres exigiam ganhos dos companheiros para o sustento da casa e dos filhos, que assumissem a condição de pai e que fossem fiéis. Elas reagiam e matavam como resistência à manutenção de papéis tradicionais ou não e contra os maus-tratos dos companheiros.

As notícias de jornais do Oeste do Paraná revelam que a condição masculina poderia ser questionada quando homens tinham atitudes consideradas socialmente passivas. Segundo Oliveira, a masculinidade deve ser entendida como

(...) algo dinâmico em relação com os ideais societários dos quais faz parte e que ajuda a constituir-los do mesmo modo que este a ela. Sua face social aparece ao agente como um lugar simbólico, transcendente, mas

²⁸ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. 6.ed. Tradução de Maria T. da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984, p. 26.

ela vive inscrita nos corpos, nas posturas, nos juízos de gosto e percepções dos agentes, como lugar imaginário de sentido estruturante, participando de seus processos de subjetivação e sendo continuamente reatualizada nas vivências interacionais masculinas.²⁹

Como parte das vivências interacionais masculinas, as idas freqüentes para o bar após o expediente de trabalho não deveriam ser questionadas, principalmente pelas mulheres. Mesmo que bebessem *como um gambá*, a eles permitia-se continuar com as bebedeiras que poderiam ser impossíveis de evitar, pois a medicina reconhecia ao homem o caráter autoritário, altivo, menos amoroso e mais duro.³⁰ Quaisquer excessos deveriam ser perdoados, pois o homem era o provedor do lar, e a mulher era responsável pelo conforto em casa e pela felicidade do homem. A zombaria em torno das atitudes de mulheres nas notícias pretendia reforçar a fragilidade e uma suposta incapacidade de assumir os embates da vida e de assumir responsabilidades como os homens. Assim as notícias, ao trazerem atos de mulheres em situação de violência, tornavam o fato risível e, como resultado, tendia a emoldurar as identidades em padrões dados.

Pelos exemplos das notícias, percebo que escrever outras ações, que não as dadas como socialmente aceitas de homens e de mulheres em situação de violência, talvez justificasse para os jornalistas o uso de uma linguagem risível e que se traduz como uma forma de violência simbólica. Analisar esta situação revela que tornar o outro visível certamente (...) *quebra o silêncio sobre ele, desafia noções prevaletentes e abre novas possibilidades para todos*.³¹ Escrever sobre a história destas mulheres é tornar histórico aquilo que fora escondido da própria história. Acrescenta-se que escrever sobre mulheres e os usos da violência é escavar mais nos recônditos do humano e no aparentemente ininteligível.

Referências

²⁹ OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: UFMG, 2004, p. 255.

³⁰ SOIHET, Rachel. Violência simbólica: saberes masculinos e representações femininas. *Revista Estudos Feministas*, n. 1, 1997, p. 20.

³¹ SCOTT, Joan. A invisibilidade da experiência. *Projeto História*. São Paulo: Edusc, n. 16, 1998, p. 304.

BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François de Rabelais*. São Paulo:

Hucitec, 1987.

BHABHA, Homi. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

Burke, Peter. *O que é História Cultural*. Tradução de Sergio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALDAS-COUTHARD, C. Linguagem e estudos de gênero. In: Fortkamp, M.B. M. et al. *Aspectos da lingüística aplicada*. Florianópolis Insular. 2000.

CHALOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo: sociedade e cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso, mudança e hegemonia. In: PEDRO, E. M. (Org.). *Análise crítica de discurso*. Lisboa, 1997.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Veja, 1992.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. 6. ed. Tradução Maria T. da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: Silva, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

KUN, Cornelia. *Ende des Schreckens*. Oldenburg: Universität Oldenburg, 2005.

MENON, Mauricio. A bela imagem do mal na representação da mulher. In: MEDEIROS, Márcia M. (Org.). *Ensaio sobre o feminino*. Passo Fundo: UPF, 2008.

MIHAELY, Gil. *Masculinidades: corpo, natureza e poder*. (Texto traduzido após palestra na UFSC em 2006).

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

RAGO, Margareth. Pensar diferentemente a história, viver femininamente o presente. In: GUAZELLI, Cesar A.B. et al. (Org). *Questões de teoria e metodologia da história*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

SCOTT, Joan. A invisibilidade da experiência. *Projeto História*. São Paulo: Edusc, n. 16, 1998.

SOIHET, Rachel. Preconceitos nas charges de *O Pasquim*: mulheres e a luta pelo controle do corpo. *Revista Espaço Acadêmico*. n. 84, 2008. Disponível em: www.espacoacademico.com.br/084/84soihet.htm. Acesso em 20 jan.2009.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

SOIHET, Rachel. Violência simbólica: saberes masculinos e representações femininas. *Revista Estudos Feministas*, n. 1, 1997.

SOYKA, Michael. *Wenn Frauen Töten*. Stuttgart; New York: Schattauer, 2005.

VAN DIJK, T. *Análisis Crítico del Discurso*. Disponível em: <http://www.bachillerato.uchile.cl/files/historia/ANALISIS%20CR%20DEL%20DISCURSO.doc>. Acesso em: 04 abr. 2004.